

## Referenciação: conceito e efeitos de sentido atribuídos ao texto

Damarens Souza SILVA\*

### Resumo

O presente artigo apresenta o conceito de referenciação e expõe suas características e efeitos de sentido na leitura e composição do texto. A análise das perspectivas de sentido faz-se necessária nos estudos da língua portuguesa, sobretudo pela riqueza de significados que a referenciação propicia ao texto. O objetivo é identificar esse conceito por meio de textos de exemplo. Por sua importante função de atribuir significados à produção textual, a referenciação tem sido estudada por vários pesquisadores da língua materna: Mondada & Dubois (2003), Marcuschi (2001, 2005, 2007), Santos & Cavalcante (2014), dentre outros. Buscamos responder à pergunta: quais as possibilidades de sentidos que a referenciação infere à leitura ou escrita do texto? Demonstramos que a referenciação pode contribuir: na identificação e descrição dos personagens; na exposição de possíveis pontos de vista do narrador e dos personagens; na explicitação do foco narrativo; na construção dos argumentos; e assim por diante.

*Palavras-chave: língua portuguesa, referenciação, sentidos*

### 1. Os sentidos da referenciação na língua portuguesa

Estudos sobre a referenciação evidenciam a relevância da referida atividade discursiva para promover a progressão do texto e estabelecer efeitos de sentido. Dessa forma, constituem elementos que atribuem ao texto distintos significados capazes de colaborar não só com a composição dos efeitos de sentido atribuídos à escrita, mas também com a leitura da produção textual. Levando em conta a complexidade de sentidos que a referenciação pode atribuir ao texto, buscamos explicitar, neste trabalho, as possibilidades de sentidos que a referenciação pode inferir na leitura ou escrita do texto. Para tanto, objetivamos identificar o conceito de referenciação, explicitando por meio de exemplos como emergem essas pluralidades de sentidos. Assim, neste capítulo, apresentamos algumas características do conceito de referenciação.

O conceito de referenciação destacou-se por meio dos estudos erigidos por Mondada & Dubois (2003). As estudiosas divergem do modelo teórico que compreende as palavras como uma representação precisa do mundo. Segundo as autoras, ocorre o contrário, ou seja, não há imutabilidade entre palavra e objeto designado: há, sim, no texto uma mutabilidade referencial, que muda de

acordo com o ato de enunciação no espaço das relações interpessoais.

Segundo tal lógica, o referente é construído na interação. Assim, para enfatizar o seu aspecto processual, procedeu-se chamá-lo de processo de referenciação. Na perspectiva de Mondada & Dubois (2003), o ato de enunciação cria categorias referenciais que se modificam e se modelam na progressão do texto. Por assim dizer, são retomadas e recategorizadas durante a produção textual, construindo os objetos de discurso:

as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Neste caso, as categorias e os objetos do discurso são marcadas por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas verbais e não verbais, nas negociações dentro da interação. (*op. cit.* 17)

Concordando com o contínuo construído das expressões referenciais pelos participantes durante o discurso, Marcuschi complementa a análise de Mondada & Dubois (2003):

a maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva sobre o mundo e de nossa inserção sociocognitiva no mundo, pelo uso de nossa imaginação em atividade de integração conceitual, do que simples fruto de procedimentos formais de categorização linguística. O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo, construtivo e imaginativo, e não de uma identificação de realidades discretas e formalmente determinadas. (Marcuschi 2001:25)

A noção de *referência* foi substituída pela noção de *referenciação*. Tal permuta é evidenciada por Marcuschi (2001:25). Para o referido autor a comunicação no mundo é oriunda de um processo criativo e de imaginação, não podendo, por esse caráter peculiar, ser traduzida como realidades determinadas e superficiais.

Portanto, a referenciação ou progressão referencial abrange a construção e reconstrução de objetos do discurso. Os objetos do discurso não representam o mundo real e não são rótulos que nomeiam coisas do mundo: eles se constroem e se reconstróem no núcleo do próprio discurso, considerando nossa percepção de mundo, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos.

## 2. Referenciação e produção de sentidos

Koch & Elias (2009) apresentam em sua obra *Ler e escrever* o conceito de referenciação e sua relevância para a construção de sentidos na produção escrita. As autoras concordam que o desenvolvimento da atividade de escrita tem em comum com a fala alguns fazeres, entre eles: fazer continuamente referências a algo, a alguém, a fatos, a eventos, a sentimentos e assim por diante; manter em evidência os referentes introduzidos por meio da operação de retomada; e tirar do foco referentes e deixá-los em espera para que outros referentes possam ser introduzidos no discurso.

Para as referidas autoras, a referenciação é um campo de estratégias “por meio das quais são construídos os objetos de discursos e mantidos ou desfocalizados na pluri-linearidade do texto” (Koch & Elias 2009: 131).

Custódio Filho evidencia a ideia das múltiplas funções da referenciação enfatizadas por Koch & Elias (*op. cit.*):

Podemos dizer que a referenciação é uma proposta teórica que fortalece o “poder” da anáfora. Essa categoria não pode mais ser entendida nos limitados moldes da relação de identificação entre sintagmas presentes num texto. Ela é, na verdade, a unidade poderosa que revela um complexo trabalho sociocognitivo-discursivo de abordagem da realidade, passível de retomar elementos os mais diversos e de realizar múltiplas funções (Custódio Filho 2012: 843).

Figura 1 - Texto de exemplo 1: “Laura procura emprego” (elaborado pela autora)

**Laura procura emprego**

**Laura** está procurando emprego. **Ela** fez curso de secretariado, fala inglês intermediário e concluiu o ensino médio. A adolescente encaminha seus currículos para muitas **empresas**. As **multinacionais** estão na lista de sua predileção. As vantagens que essas empresas oferecem são bem atrativas: oferecem plano de carreira; investem na formação acadêmica e profissional dos seus funcionários; e com o objetivo de incentivar o trabalhador a permanecer motivado na realização de suas tarefas, investem na qualidade de vida dos empregados. Não é sem razão que Laura prioriza essas empresas na hora de divulgar **seu** perfil profissional.

Na produção anterior, ocorre a retomada retrospectiva ou anafórica. O referente inicial “Laura” é retomado e mantido em evidência pelo pronome “ela”, depois pela expressão “adolescente” e por último pelos pronomes possessivos “sua” e “seu”. Além de ter um caráter anafórico ao retomar o termo “empresas”, a expressão “multinacionais” atribui um caráter predicativo à expressão nominal “empresas”. Tal fenômeno pode ser observado quando o termo “adolescente”, além de retomar o termo “Laura” oferece pistas da faixa etária de “Laura”.

O caráter de retomada do referente, acrescentando um valor de predicação, ocorrido no texto “Laura procura emprego”, é um adequado exemplo do conceito de referenciação, destacado por Koch & Elias ao explicarem a diferença entre *referenciação* e *progressão referencial*:

O processo que diz respeito a diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes é chamado de referenciação. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de mais referentes, tem-se o que se denomina de *progressão referencial*. (Koch & Elias 2009: 132).

A *retomada* (manutenção): acontece quando um “objeto” já contido no texto é retomado por meio de uma forma referencial, fazendo com que o objeto de discurso permaneça em evidência. Na produção “Laura procura emprego”, é possível verificar a retomada nas expressões “ela”, “adolescente” e “sua”, que se referem à expressão nominal “Laura”.

Verifica-se a *desfocalização* quando há introdução de um novo objeto do discurso que passa a ocupar o foco. O objeto retirado de foco continua em estado de ativação parcial, ou seja, ele permanece disponível para utilização imediata quando necessário. A expressão que representa a desfocalização no texto “Laura procura emprego” é “As multinacionais estão na lista de sua predileção. As vantagens que essas empresas oferecem são bem atrativas: oferecem plano de carreira; investem na formação acadêmica e profissional dos seus funcionários; e com o objetivo de incentivar o trabalhador a permanecer motivado na realização de suas tarefas, investem na qualidade de vida dos empregados”.

Tirar o foco de “Laura”, e colocá-lo sobre o termo “multinacionais” é um recurso que contribui para que o interlocutor compreenda a preferência de Laura por aquele tipo específico de empresa, ou seja, as empresas multinacionais oferecem muitas vantagens, e embora não haja descrição no texto, é possível ao interlocutor, sabendo a predileção de Laura e as características das empresas multinacionais, deduzir que as empresas nacionais oferecem menos benefícios do que as multinacionais, assim, por meio da *desfocalização*, é possível perceber o acréscimo da caracterização das empresas e a manutenção ativa de Laura em foco por meio da justificativa da predileção de Laura pelas empresas multinacionais.

A *retomada* e a *desfocalização* são exemplos, sobretudo, de estratégias de referenciação que, nas palavras de Koch & Elias (2009), permitem que os referentes contidos no texto se modifiquem ou se ampliem, possibilitando que, no decorrer do processo de compreensão (pelo aparecimento sistematizado de novas categorizações e avaliações do referente), se crie na memória do leitor ou ouvinte uma representação altamente complexa, conforme exemplo do texto “Laura procura emprego”.

Em suma, as estratégias de referenciação no processo de escrita podem ser compreendidas como um ato altamente sistematizado e intencional do produtor. As escolhas de como serão conduzidas tais estratégias pelo escritor representa muito de sua subjetividade. Portanto, compreender como é apreendida a aquisição do conceito de referenciação na língua portuguesa através da análise de algumas de suas peculiaridades pode apontar caminhos para novas estratégias de compreensão e aplicabilidade desse conceito e de outros mais.

Há duas formas de retomada do referente: a retrospectiva ou anafórica, como apresentada no trecho “Laura procura emprego”, e a forma prospectiva ou catafórica, como apresentada na Figura 2 a seguir:

Figura 2 - Texto de exemplo 2: “O esperado de todos os anos”  
(elaborado pela autora)

#### O esperado de todos os anos

Os preparativos para a chegada do **esperado de todos os anos** podem iniciar entre **fevereiro e março** e seguem **doze meses** pela frente; mas não pense que é um período entediante – pelo contrário: durante esse tempo começam **as arrumações**. Do que sobrou da última estada **dele** por aqui, há tentativa de reciclar e reaproveitar os restos, que talvez sirvam como **adereços** para o próximo encontro com **ele**. **A seleção das músicas** que vão embalar **sua visita** é criteriosa, **os ensaios** altamente organizados, **as alegorias** demonstram profundo estudo por parte de quem as criou. Para recepcioná-lo, chegam **mulheres lindas**, ótimos bailarinos e tudo, tudo é preparado com o maior rigor, luxo e bom gosto. Até que chega o grande momento, e lá vem **ele** entrando, **sambando** pela passarela afora: é **ele, o Carnaval!**

No exemplo anterior, a expressão “O esperado de todos os anos” tem seu sentido estabelecido somente nesse

texto: refere-se ao “Carnaval”. Teríamos dificuldades em identificar o referente fora do contexto, pois ele é constituído no espaço do texto.

Para compreender o sentido de certos termos inseridos no texto e ao mesmo tempo fazer a correspondência desses termos para estabelecer uma relação de sentido entre as expressões “o esperado de todos os anos” e “o Carnaval”, faz-se necessário saber que o Carnaval é uma festa popular com aspecto multicultural que, tradicionalmente, ocorre uma vez por ano no Brasil, entre fevereiro e março. Embora haja vários formatos da festa nas diversas regiões do território brasileiro – é comum a ocorrência de desfiles com diversas perspectivas temáticas – costuma ser um evento luxuoso. O evento é considerado um marco cultural brasileiro que atrai turistas não só do Brasil como também de vários outros lugares do mundo. O evento carnavalesco tem duração de cerca de cinco dias, já processo de criação e preparo do Carnaval ocorre durante cerca de doze meses: inicia no momento em que a festa anterior termina e finaliza apenas no ano seguinte, quando se iniciam novamente os preparos do evento para o ano subsequente. O samba é o gênero musical mais comum, sendo cantado e dançado durante o desfile. Os participantes desfilam fantasiados e as fantasias ostentam criatividade, beleza e luxo. Diversos bailarinos e bailarinas, referências em beleza e sensualidade, dançam com fantasias que evidenciam seus belos contornos.

No texto da Figura 2, o sentido pode ser emergido quando a expressão “esperado de todos os anos” é retomada de modo catafórico pelos termos: “dele”; “ele”; “sua visita”; e finalmente pela expressão nominal “O Carnaval”.

A produção “O esperado de todos os anos” apresenta outras expressões que oferecem pistas ao interlocutor de quem pode ser “o esperado de todos os anos”. Assim as expressões “fevereiro e março” e “doze meses” sugerem a ideia do tempo. As expressões “as arrumações”, “adereços”, “seleção das músicas”, “os ensaios”, “as alegorias”, “mulheres lindas”, “ótimos bailarinos”, “sambando” remetem as características do termo “Carnaval”, mas para estabelecer os sentidos e as relações entre os termos, selecionados para escrita do texto, ao interlocutor são necessários alguns conhecimentos linguísticos e conteúdos inferenciais sobre o carnaval brasileiro.

O texto em questão é um exemplo elucidativo de que a composição textual requer mais do que o conhecimento linguístico e dos conteúdos inferenciais que podem ser analisados a partir dos elementos nele contidos, como, por exemplo, os conhecimentos lexicais, enciclopédicos e culturais, essa compreensão também requer os conhecimentos, as opiniões e os juízos erigidos no momento da interação autor-texto-leitor. Tal análise evidencia o que afirma Marcuschi sobre o caráter criativo da referenciação:

A referenciação é uma atividade criativa e não um simples ato de designação. Diante disso, a construção referencial deve ser tida como central na aquisição da língua, estendendo-se todas as ações linguísticas. Considerando que a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sociointerativo permite a produção de sentidos. (Marcuschi 2007: 69)

A noção de *referência* foi substituída pela noção de *referenciação*. A referenciação ou progressão referencial abrange a construção e reconstrução de objetos do discurso. Eles não representam o mundo real e não são rótulos que nomeiam coisas do mundo: eles se constroem e se reconstróem no núcleo do próprio discurso, considerando nossa percepção de mundo, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos.

Portanto, os referentes são construídos e reconstruídos durante a produção da escrita. As formas de *referenciação* são produtos de escolhas do produtor do texto conduzidas pelo princípio da intersubjetividade.

### 3. Introdução de referentes no modelo textual

Os dois tipos de processo de introdução de referentes textuais são: ativação “ancorada” e “não ancorada”. A não ancorada ocorre no momento em que o escritor introduz no texto um novo objeto do discurso, como na Figura 3 a seguir:

Figura 3 - Texto de exemplo 3: “O dia em que as Olimpíadas passaram na minha rua” (elaborado pela autora)

**O dia em que as Olimpíadas passaram na minha rua**

Minha mãe me chamou: “Vem, vem logo! Vem ver!”. Não dei a menor atenção, estava concentrado em vencer meu jogo de videogame. Ela chamou de novo. Fiquei irritado. Isso estava me desconcentrando e me deixando cada vez mais perto da derrota. Dali a pouco, ela de novo: “Vem, menino! Vem ver o **fogo** passar!”. Que droga, mãe! O que eu tenho com isso?! “Vem, menino bruto! Vem ver a **tocha olímpica!**”

No texto da Figura 3 acima, a palavra “fogo” aparece no início do texto para posteriormente introduzir a palavra “tocha olímpica”. O termo “fogo” representa uma expressão nominal, e funciona como uma primeira *categorização* do referente.

O produtor do texto compõe uma *introdução ancorada* quando apresenta um novo objeto de discurso, partindo de um tipo de relação com elementos já contidos no *cotexto* ou no *contexto sociocognitivo* dos interlocutores.

Na produção da Figura 3, o termo “fogo” terá o sentido decifrado e relacionado com o termo “tocha olímpica”, caso o interlocutor tenha conhecimento de que tocha

olímpica é o símbolo das olimpíadas, Para anunciar que as Olimpíadas estão acontecendo num determinado território, há uma espécie de exposição pública naquele lugar, onde algumas pessoas, atletas ou não, relacionadas ao evento olímpico, carregam a tocha olímpica por algumas ruas principais do perímetro onde os jogos estão sendo realizados. Os elementos do cotexto, presentes nesta produção, são os conhecimentos, por parte dos interlocutores, do conceito “olimpíadas” e costumes relacionados ao evento como, por exemplo, a exposição pública da tocha nos lugares onde ocorre os jogos. Já os conhecimentos do contexto estão relacionados à expectativa do autor em relação ao conhecimento e capacidade sociocognitivas do interlocutor para realizar o processamento mental e relacionar os elementos contidos no cotexto para finalmente estabelecer sentidos entre um termo e outro no texto.

Antes de prosseguirmos discorrendo sobre a referenciação, esclarecemos que a definição de cotexto imediata, não só ocorre no espaço do entorno social, político e cultural, como também no contexto dos interlocutores, que, segundo Koch (2002), agrupa todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais.

Figura 4 - Texto de exemplo 4: “O dono da bola” (elaborado pela autora)

**O dono da bola**

Os garotos aproveitaram o período das férias para organizaram o **campeonato**. As equipes já estavam formadas, os atletas escalados. Até que um problema surgiu: **a bola** resolveu abandonar o torneio junto com o **seu dono!**

A expressão “a bola” não diz respeito a um referente contido no texto, mas faz menção a informações estabelecidas no cotexto antecedente.

Segundo Koch (2002, 2004), não existindo no contexto um antecedente explícito, a existência de um elemento de relação âncora pode ser um fator determinante para a interpretação. No texto de exemplo da Figura 4, “O dono da bola”, a palavra “campeonato” serve de âncora para compreender a relação estabelecida com a expressão “bola” e constituir a relação de sentido do texto. Então, para o interlocutor compreender o sentidos do texto, há necessidade de que ele saiba que campeonato pode tratar de diversos tipos de competição, mas no que se refere à produção da Figura 4, a modalidade requer o uso da bola. Além disso, é necessário que ele saiba que um dos jogadores é o dono da bola. A expressão “a bola resolveu ir embora” mostra a personificação da bola, ressaltando o quanto era relevante a bola para realização do campeonato, chegando a ser mais importante do que o próprio jogador, seu dono, que se apresenta em segundo plano na expressão “junto com seu dono”.

Para Marcuschi (2005), a *anáfora indireta* é comumente compreendida por expressões nominais definidas e pronomes cuja interpretação referencial acontece sem que haja correspondência com um antecedente ou subsequente explícito no texto. O autor explica que nesse caso acontece um processo de referenciação implícita, onde há organização de uma estratégia de ativação de novos referentes, e não de retomada de referentes conhecidos.

O processo de referenciação implícita é acionado tendo como base elementos textuais ou modelos mentais e exerce uma contribuição fundamental no desenvolvimento da progressão e coerência do texto. Telles (1998 *apud* Cavalcante, 2004) apresenta uma análise de *anáfora indireta* do trecho a seguir:

Figura 5 - Texto de exemplo 5 (Telles 1998 *apud* Cavalcante 2004:)

Abro uma antiga mala de velharias e lá encontro minha **máscara** de **esgrima**. Emocionante o momento em que púnhamos a **máscara** – tela tão fria – e nos enfrentávamos mascarados sem feições. **A túnica branca com o coração em relevo** no lado esquerdo do peito, “olha esse alvo sem defesa, menina, defenda esse alvo!” **advertia** o **professor**, e eu me confundia e **o florete do adversário** tocava reto no meu coração exposto.

De acordo com a análise de Cavalcante (2004), as expressões “máscara” e “esgrima” são âncoras que são reativadas pelo novo referente “A túnica branca com o coração em relevo”, trazendo-as para o foco e caracterizando, assim, uma recuperação indireta. Ocorre processo semelhante quando o referente “esgrima” é refocalizado pela anáfora indireta “o florete do adversário”. Todavia, só é possível identificar que se trata da descrição de uma aula de esgrima quando se dá a introdução da entidade “o professor”, com a apresentação do predicado “advertia”, seguido da orientação do professor indicada pelas aspas.

Figura 6 - Texto de exemplo 6: “O garoto esguio” (elaborado pela autora)

#### O garoto esguio

O garoto era esguio, **os braços e as pernas fracos, os lábios ressecados, os olhos fundos, a barriga roncava** denunciando a fome.

“Os braços e as pernas fracos”, “lábios ressecados”, “olhos fundos” e “a barriga roncava” constituem expressões definidas que estão ancoradas na expressão do início do texto da Figura 6: “o garoto”. As expressões definidas representam a parte que compõe o todo, ou seja, “o garoto”. Tais expressões, por meio dos termos “fracos”, “ressecados”, “fundos” e “roncava”, além de caracterizarem o físico do garoto, também sugerem a provável causa do aspecto físico do garoto, isto é a fome. Infere-se que garoto passa fome. Essa relação “metonímica” parte-todo também ocorre no texto a seguir:

Figura 7 - Texto de exemplo 7: “A menina que era invisível” (elaborado pela autora)

Quando entrei na sala, notei sua presença. Havia algo de diferente, **a menina** estava **mudada**. Os **cabelos**, antes **alisados, amordaçados e controlados** pelos processos químicos, agora estavam **livres, cachos soltos espalhados** pela cabeça, e **os fios enrolados e escuros** combinavam perfeitamente com a **cor negra da pele e o escuro dos olhos**. Todos os dias ela estava lá, mas foi a primeira vez que a enxerguei.

As expressões definidas “cabelos alisados”, “os cachos soltos”, “os fios enrolados e escuros”, “a cor negra da pele e o escuro dos olhos” ancoram-se na expressão “a menina”. Assim como na produção “O menino esguio”, o texto “A menina que era invisível” apresenta uma condição física. Todavia a expressão “mudada” refere-se não só ao processo de transformação física da garota, como também ao processo de ressignificação social da menina proveniente de uma mudança do seu aspecto físico. O processo de ressignificação social é confirmado pela expressão “Todos os dias ela estava lá, mas foi a primeira vez que a enxerguei”. As expressões que se referem aos cabelos da menina antes da mudança apresentam qualificações por meio dos termos “alisados, amordaçados”, e “controlados” e sugerem que o caráter oprimido do cabelo da garota também favorece a invisibilidade da menina que não é visível mesmo estando presente na sala. Já as expressões que mencionam o caráter mudado do cabelo como por exemplo “livres”, “soltos”, e “espalhados” permitem inferir que assim como os cabelos da menina ganharam liberdade, a garota também ganhou visibilidade, já que só após tal transformação foi notada pelo narrador do texto.

Em ambos os textos, as expressões definidas estabelecem uma relação com os termos (o garoto e a menina) que as ancoram. Portanto, não as retomam, e que por essa razão configuram anáforas indiretas. É o que ocorre com o texto “Voltei para a escola” na Figura 8, a seguir:

Figura 8 - Texto de exemplo 8: “Voltei para a escola” (elaborado pela autora)

Mandei muitos currículos, fiz inúmeras entrevistas de emprego, mas não surgia nenhuma resposta positiva ao meu pedido de emprego. Até que um dia fui chamado por uma empresa para comparecer para um teste. Tive de fazer uma **redação**, fui reprovado e continuei desempregado. Depois disso me vi obrigado a voltar para a **escola**.

No texto da Figura 8, a expressão referencial “escola” é introduzida ancorada na expressão “redação”, cujo modelo mental pode ser associado a “redação”, “professor”, “escrita” e assim por diante. Tais expressões possibilitam ao interlocutor inferir que o narrador foi reprovado por não saber realizar a redação de modo que garantisse sua aprovação no processo seletivo. Logo, a solução encontrada pelo narrador foi voltar à escola para aprender a redigir.

#### 4. Formas de progressão referencial

A progressão referencial é constituída de retomadas ou remissões a um mesmo referente e pode ser concretizada por uma variedade de elementos linguísticos: formas de valor pronominal; numerais; alguns advérbios locativos; elipses; formas nominais reiteradas; formas nominais sinônimas ou quase sinônimas; formas nominais hiperonímicas e nomes genéricos.

Para garantir a *continuidade de um texto* é preciso estabelecer um equilíbrio entre duas exigências fundamentais: *repetição (retroação)* e progressão. Isto é, na escrita de um texto, remete-se continuamente a referentes que já foram antes apresentados e, assim, introduzidos na memória do interlocutor, e acrescentam-se as informações novas, que, por sua vez, passarão também a constituir o suporte para outras informações (Koch & Elias 2009: 137-138).

As *formas pronominais* de progressão referencial com põem pronomes (pessoais de terceira pessoa, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos).

Figura 9 - Texto de exemplo 9 (elaborado pela autora)

A **mãe** ficou perplexa quando soube do baixo desempenho do **filho** na escola. Ainda assim, não quis mostrar o boletim **ao marido**. Precisava acalmar os ânimos do pai do garoto. **Ela** sabia que, desta vez, **ele** deixaria de pagar a escola particular ao filho, e **o** mandaria para uma instituição de ensino pública.

No exemplo da Figura 9, acima, é possível identificar a progressão referencial com o uso das *formas pronominais*. O pronome “ela” faz referência ao termo “mãe”; o pronome “ele” também faz referência ao “marido” da mãe e “pai do garoto”. O termo “o” refere-se ao filho.

No próximo exemplo (Figura 10), identificamos a progressão referencial por meio dos numerais ordinais. Os números ordinais (*primeira, segunda e terceira*) referem-se às “três razões” que por sua vez retomam a expressão “os motivos para a insatisfação política e econômica”. A progressão também pode ocorrer por numerais cardinais, multiplicativos e fracionários.

Figura 10 - Texto de exemplo 10 (elaborado pela autora)

São muitos **os motivos para a insatisfação política e econômica** atualmente, mas apontaremos **três razões**: **a primeira** diz respeito aos escândalos protagonizados por nossos representantes governamentais por conta dos desvios e gastos inapropriados do dinheiro público; **a segunda** é a onda de desemprego causada, sobretudo, por causa do fechamento de muitas indústrias; e **a terceira** é a falta de políticas públicas assertivas para diminuir o desequilíbrio social que assola nosso país.

Como no exemplo seguinte (Figura 11), alguns advérbios locativos, como “ali” e “lá”, e o substantivo “lugar”

permitem a progressão referencial da expressão “o local para a prova”.

Figura 11 - Texto de exemplo 11 (elaborado pela autora)

Finalmente, marcaram a data e **o local para a prova** do teste de direção automotiva. Pois bem, no dia combinado **ali** estava eu, e de novo a tremedeira nas pernas, e como já esperado não fui aprovado. Sabia que um mês depois **lá** estaria eu, no mesmo **lugar**, refazendo o teste, e, quem sabe, com sorte seria aprovado.

O texto na Figura 12, a seguir, apresenta a progressão referencial por meio de elipse (omissão de uma expressão recuperável pelo contexto). As formas verbais foi, “observou, comparou, ficou, percebeu, tinha, precisava e decidiu”, bem como a expressão “alarmada” permitem a identificação e a retomada de um personagem feminino na terceira pessoa do singular:

Figura 12 - Texto de exemplo 12 (elaborado pela autora)

Esta manhã, como de costume, **foi** ao mercado, **observou** o preço de tudo, comparou o preço de produtos de outros mercados, **ficou** alarmada com o alto valor da cesta básica e **percebeu** que o dinheiro que **tinha** não dava para comprar quase nada do que **precisava**. **Decidiu** então voltar para casa sem comprar nada.

O texto de exemplo “A tesoura” (Figura 13) apresenta uma forma nominal reiterada de progressão referencial:

Figura 13 - Texto de exemplo 13: “a tesoura” (elaborado pela autora)

##### A tesoura

**A tesoura** é ferramenta de trabalho da costureira. O artista usa **a tesoura** como instrumento de trabalho. O professor pode usar **a tesoura** e também pedir ao seu aluno que faça uso da **tesoura**. A estilista tem **a tesoura** como companheira bem útil de trabalho. **A tesoura** é usada por cirurgiões. Os curativos dos enfermeiros podem ser feitos por **tesoura**. **A tesoura** tem inúmeras utilidades e é usada por diversos profissionais.

Formas nominais sinônimas ou quase sinônimas podem compor a progressão referencial como nas expressões “mulher” e “a bela dama” do trecho seguinte (Figura 14):

Figura 14 - Texto de exemplo 14 (elaborado pela autora)

Fazia tempo que não colocava os olhos **naquela mulher**, mas ela estava muito mudada. **A bela dama** trazia na face marcas de muito sofrimento.

A expressão “naquela mulher” confere o sentido de pessoa comum à mulher. Já a expressão “bela dama”, ao mesmo tempo que retoma o termo “mulher” pela expressão sinônima “dama”, infere uma opinião contida no termo “bela” a respeito da “mulher”, ou seja, o narrador via beleza na mulher.

As formas nominais hiperonímicas (relação parte-todo) podem compor a progressão referencial. O texto da Figura 15, a seguir, introduz o termo “répteis” (representando o todo) da forma nominal “as cobras venenosas” (representando a parte).

Figura 15 - Texto de exemplo 15 (elaborado pela autora)

Os trabalhadores do canal estavam assustados, e entre as coisas que os assustavam estavam as péssimas condições de trabalho, a baixa remuneração e as **cobras venenosas** presentes nas plantações. Mas o que estava matando mais rápido os trabalhadores eram os **répteis**.

Nomes genéricos podem constituir progressão referencial. O termo “zona urbana” generaliza os termos “pedras”, “tijolos”, “carros”, “asfalto”, “prédios”, “fumaça” e “poluição” no exemplo a seguir (Figura 16); assim como o termo “zona rural” generaliza os termos “poucas árvores”, “bichos famintos” e “escassos pomares”.

Figura 16 - Texto de exemplo 16 (elaborado pela autora)

De um lado avistávamos **pedras, tijolos, carros, asfalto, prédios, muita fumaça, poluição**. Era evidente o **aspecto dinâmico** da **zona urbana**. Do outro lado, enxergávamos **poucas árvores, bichos famintos, escassos pomares**. Era inegável a **deterioração** da **zona rural**.

A expressão “zona urbana” retoma os termos, “pedras”, “tijolos”, “carro”, “asfalto”, “prédios”, “muita fumaça”, e “poluição”, não só generalizando tais expressões como também apresentando uma breve descrição das principais características da “zona urbana”. Já a expressão “o aspecto dinâmico” qualifica a zona urbana. A expressão “zona rural” retoma e generaliza as expressões “poucas árvores”, “bichos famintos”, “escassos pomares”, já o termo “deterioração” qualifica a zona rural. As expressões “o aspecto dinâmico” e “deterioração” apresentam uma antítese para formar o argumento, ou seja, enquanto a “zona urbana” usufrui um aspecto de continuidade evidenciado pelo termo “dinâmico”, a “zona rural” está sendo comprimida, detida como bem sugere o termo “deterioração”. As duas expressões “aspecto dinâmico” e “deterioração”, e mais as retomadas que generalizam as expressões “zona urbana” e “zona rural”, inferem o sentido de que a “zona urbana” cresce num processo contínuo, comprimindo e deteriorando a “zona rural”.

Quando remetemos seguidamente a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados a ele, formamos, no texto, cadeias anafóricas ou referenciais. Esse movimento de retroação a elementos já presentes no texto – ou passíveis de serem ativados a partir deles – constitui um princípio de construção textual, praticamente todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais. (Koch & Elias, 2009: 144).

Koch & Elias (2009) apresentam três sequências de cadeias anafóricas referenciais: sequências descritivas; sequências narrativas e sequências expositivas. Em se tratando das sequências descritivas, há, no mínimo, uma cadeia relativa ao elemento descrito.

Figura 17 - Texto de exemplo 17 (elaborado pela autora)

**Marina** sempre foi **aluna de destaque na escola**. É atualmente **uma bem-sucedida empresária**. Apesar do sucesso demonstrado até o momento, no ano passado a **comerciante em ascensão** teve problemas com a Receita Federal.

No exemplo anterior (Figura 17), é possível identificar uma relação a partir da expressão nominal “Marina”, que é seguida de uma sequência descritiva com o uso das expressões “aluna de destaque na escola”, “uma bem-sucedida empresária” e “comerciante em ascensão”. A sequência descritiva retoma os elementos nominais “Marina”, constituindo a cadeia anafórica. As duas expressões que retomam o termo “Marina”, ou seja, “aluna de destaque da escola”, “uma bem sucedida empresária” evidenciam a história de sucesso da carreira de “Marina”, em contrapartida a expressão “comerciante em ascensão” apresenta uma dúvida em relação ao total êxito da carreira de Marina, porque além de acompanhada pela expressão “teve problemas com a Receita Federal”, também apresenta as palavras “em ascensão” sugerindo a ideia do “crescer contínuo”, isto é: Marina ainda está se desenvolvendo como comerciante.

As sequências narrativas compõem cadeias relacionadas ao protagonista, antagonista, outros personagens, espaço, objetos ou outros aspectos da história a seguir (Figura 18).

Figura 18 - Texto de exemplo 18: “Era uma vez três velhinhos” (elaborado pela autora)

#### Era uma vez três velhinhos

Eram **três velhinhos** que viviam num **asilo** no interior de São Paulo. **O lugar** era bem grande, tinha muitos quartos, e mesmo assim **os homens** dormiam no mesmo quarto, mas ainda bem que repousavam em camas separadas.

**Um dos anciões** era **surdo**, era o **mais velho deles**. **O segundo** era **cego** e o **terceiro** era **mudo**. Acho que era por isso que colocaram **eles** para dormirem no mesmo quarto.

**Os senhores** não estavam nada satisfeitos com a acolhida da **casa de repouso** e planejavam fugir. Para isso, já tinham tudo arranjado: iam subornar o segurança de **lá**, que era um **sujeito mal-encarado**, mas que, segundo **os sexagenários**, como todo homem havia de ter o seu preço também...

Na sequência narrativa anterior (Figura 18), há uma cadeia relacionada ao espaço, que é introduzida inicialmente com a expressão nominal “asilo”, e depois segue-se uma sequência narrativa com as expressões “lugar”, “casa de repouso” e “lá”. Com a descrição dos personagens ocorre algo similar: a expressão nominal inicial é “velhinhos”, depois “homens”, “anciões”, “deles”, “eles”, “os senhores” e “sexagenários”. A descrição individual dos três personagens protagonistas é introduzida com a descrição do primeiro – destacada no termo “um” e retomado pelas expressões “ancião” – que além de ser “surdo” é o “mais velho”. Na sequência, introduz-se “o segundo” que “é

cego”, e por último “o terceiro” que “é mudo”. A descrição do personagem secundário é introduzida pela expressão nominal “segurança”, que posteriormente é retomada pela expressão “sujeito mal-encarado”.

A cadeia anafórica principal das sequências expositivas está relacionada à ideia central desenvolvida, cabendo outras ideias referentes ao processo de exposição.

No texto “Eram três velhinhos”, as sequências expositivas apresentam: os aspectos do asilo; as características dos três velhinhos, personagens principais da narrativa; e mais a característica do segurança, personagem secundário da trama. As três sequências estão relacionadas da ideia central da produção, assim os três velhinhos insatisfeitos com a estada no asilo planejam fugir com a ajuda do segurança.

Figura 19 - Texto de exemplo 19: “Bebê gigante” (elaborado pela autora)

**Bebê gigante**

O bebê nasceu com seis quilos e meio e sessenta centímetros. O recém-nascido tem o peso e tamanho acima da média. Agora os médicos tentam descobrir quais razões levaram a criança a crescer além da conta. Enquanto isso, os pais do bebê gigante celebram a boa saúde do garoto.

No texto anterior (Figura 19), a informação principal “o bebê nasceu com seis quilos e meio e sessenta centímetros” é relacionada aos termos “o recém-nascido”, “a criança”, “bebê gigante” e “garoto”, compondo uma cadeia anafórica.

Segundo Koch & Elias (2009:148), uma das formas mais ricas de progressão é aquela que pode ser realizada por meio de expressões nominais, ou seja, expressões que possuem um núcleo nominal (substantivo), acompanhado ou não de determinantes (artigos, pronomes, adjetivos, numerais) e modificadores (adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas). As autoras citam algumas expressões como exemplos: *a aluna; aluna estudiosa; a aluna de francês; a aluna que ganhou o prêmio; alguma aluna; esta aluna; a primeira aluna da classe/duas alunas/estas duas alunas/todas estas alunas; os dois livros que a aluna comprou; minha querida da 8ª série*, e assim por diante.

## 5. Funções das expressões nominais

As formas ou expressões nominais exercem uma série de funções para a construção dos sentidos no texto ao estabelecerem a progressão textual. Entre as funções estão: *a organização do texto, nos níveis macroestrutural e microestrutural; a recategorização de referentes; explicação de termos por meio de sinonímia e hiperonímia*, bem como a definição de termos que se pressupõem desconhecidos do leitor; *sumarização/encapsulamento de segmentos textuais antecedentes ou subsequentes*, por meio de *rotulação*; e orientação argumentativa do texto. As formas ou expressões nominais contribuem para a organização no nível micro e no nível macroestrutural.

No nível *microestrutural*, são elementos importantes para estabelecimento da coesão textual, conforme identificamos em alguns textos apresentados anteriormente.

No nível *macroestrutural*, são algumas vezes responsáveis pela apresentação de novos referentes, novas sequências ou episódios da narrativa e, portanto, pela paragrafação.

Os parágrafos do texto a seguir (Figura 20) apresentam um exemplo de como novos fatos são apresentados. No primeiro parágrafo, é introduzida a expressão nominal “ao custo de R\$ 100,00 a dose”, o segundo parágrafo apresenta uma nova informação com a apresentação da expressão nominal “vão ser aplicadas 500 mil doses da vacina”, e por último a expressão “o alcance da campanha” acrescenta outra informação ao texto.

Figura 20 - Texto de exemplo 20: “Paraná iniciará campanha de vacinação contra a dengue em agosto” (Carazzai 2016)

**Paraná iniciará campanha de vacinação contra a dengue em agosto**

Ao custo de R\$ 100,00 a dose, será realizada no Paraná em agosto a primeira campanha de vacinação pública contra a dengue no país.

Vão ser aplicadas 500 mil doses da vacina, a primeira do tipo disponível no Brasil, produzida pela Sanofi Pasteur e aprovada em dezembro pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

O alcance da campanha, porém, será limitado: apesar de o vírus ter circulado em quase todos os 399 municípios do Paraná, apenas 30 terão a vacina e, em 28 deles, ela será restrita à população entre 15 e 27 anos.

Outra função das formas ou expressões nominais é a *recategorização de referentes*. Nas palavras de Cavalcante (2004: 132): “A “recategorização” é, por definição, uma alteração nas associações entre representações categoriais parcialmente previsíveis, portanto, em nossa visão pública de mundo”.

Na recategorização, os referentes introduzidos no texto podem ser retomados conservando os mesmos aspectos e propriedades, ou podem compor alterações ou acréscimos. Segundo Mondada & Dubois (2003), a recategorização é situada pelas diferentes perspectivas que envolvem as situações dos atores e dos fatos:

A variação e a concorrência categorial emergem notadamente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações da situação, dos atores e dos fatos. A “mesma” cena pode, mais geralmente, ser tematizada diferentemente e pode evoluir – no tempo discursivo e narrativo – focalizando diferentes partes ou aspectos. Este domínio pode ser abordado considerando os recursos linguísticos que servem para tematizar uma entidade, para sublinhar a saliência de aspecto específico ou de uma propriedade de um objeto, para atrair a atenção do leitor para uma entidade particular. (Mondada & Dubois *op.cit.*: 25).

No exemplo a seguir (Figura 21), as expressões nominais “bolinhas de gude”, “bola de futebol”, “carrinho já



sem roda” e “boneco sem braço” foram recategorizadas pela expressão “tesouro”.

Figura 21 - Texto de exemplo 21 (elaborado pela autora)

Quando a mãe sentenciou que ele sairia do parque e iria para casa tomar banho e jantar, o garoto não teve dúvidas: juntou suas **bolinhas de gude**, pegou a **bola de futebol**, o **carrinho já sem roda**, o **boneco sem braço**, colocou tudo no fundo da motocicleta e foi para casa. Chegando em casa, foi direto para o seu quarto. Lá retirou da moto o **tesouro** e o jogou debaixo de sua cama.

O termo “tesouro” recategoriza as expressões “bolinhas de gude”, “bola de futebol”, “o carrinho já sem roda”, e “o boneco sem braço”, inferindo o sentido de grande valor que o menino atribuía aos brinquedos.

As formas ou expressões nominais servem para explicar termos por meio de sinonímia e hiperonímia e para definir termos que se pressupõem desconhecidos ao leitor. De acordo com Koch & Elias (2009), é possível auxiliar o leitor fazendo uso dessas expressões, substituindo um termo específico, de determinado gênero ou de pouco uso, por um sinônimo mais comum ou por um hiperônimo (termo de sentido mais amplo, que engloba o termo mais específico), ou incluir na retomada uma nota de esclarecimento ou definição.

No texto seguinte (Figura 22), a expressão nominal “nova espécie de titanossauro” é definida por um sinônimo “herbívoros famosos pelo longo pescoço”, que na sequência é retomada por hiperônimo “grandes répteis”.

Figura 22 - Texto de exemplo 22: “Nova espécie de dinossauro é encontrada no interior da Paraíba” (Miranda 2016)

#### Nova espécie de dinossauro é encontrada no interior da Paraíba

A 438 km de João Pessoa, a região de Sousa, no sertão da Paraíba, abriga um famoso parque chamado Vale dos Dinossauros, que atrai pesquisadores e turistas do mundo todo devido às abundantes pegadas desses bichões.

Agora, no entanto, paleontólogos encontram um outro vestígio desses nordestinos pré-históricos; fragmentos fossilizados da fíbula, um osso da perna, do que seria uma **nova espécie de titanossauro – herbívoro famoso pelo longo pescoço** – que viveu no Estado há cerca de 136 milhões de anos.

A descoberta, liderada pela paleontóloga Aline Ghilardi, da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), tem dois méritos principais: é a primeira identificação eficaz dos **grandes répteis** que habitaram aquela região e é ainda o dinossauro mais antigo do período Cretáceo (entre 145 milhões e 66 milhões de anos atrás) a ser identificado no Brasil [...].

A expressão nominal sumariza, encapsula os segmentos textuais antecedentes ou subsequentes por meio de rotulação:

como as AI [anáforas indiretas], as encapsuladoras são inferenciais e, ainda que ancoradas em informações dadas, introduzem um novo referente, que sintetiza porções de texto; como as AD [anáforas diretas], porém, parece haver certo grau de correferencialidade entre a porção de texto sintetizada e o encapsulador. (Santos & Cavalcante 2014: 227)

Segundo Koch & Elias (2009), o *encapsulamento* ocorre quando, no momento da progressão referencial, é possível sumarizar todo um trecho anterior ou posterior do texto fazendo uso de uma forma pronominal ou nominal, podendo ser usados pronomes demonstrativos neutros (*isto, isso, aquilo, o*) ou expressões nominais, transcorrendo, assim, a *rotulação*.

Koch & Elias (2009) apresentam dois tipos de rotulação: o primeiro tipo é a designação feita pelo rótulo que recai sobre fatos, eventos, circunstâncias contidas no segmento textual encapsulado. O texto “Veio sem avisar,” a seguir (Figura 23), apresenta a expressão nominal “paixão”, que rotula os segmentos textuais (eventos) “um frio na barriga”, “a fome sumiu”, “no estômago parecia que havia borboletas voando”, “acordava no meio da noite e demorava a conseguir voltar a dormir”, “o coração acelerava; ora ficava muito alegre, ora triste”, “até os gostos mudaram”, “as mãos suavam” e “algumas músicas davam nostalgia”.

Figura 23 - Texto de exemplo 23: “Veio sem avisar” (elaborado pela autora)

#### Veio sem avisar

Veio sem avisar: **um frio na barriga; a fome sumiu; no estômago parecia que havia borboletas voando; acordava no meio da noite e demorava a conseguir voltar a dormir; o coração acelerava; ora ficava muito alegre, ora triste; até os gostos mudaram;** em certas ocasiões **as mãos suavam; algumas músicas davam nostalgia.** Enfim, logo ficou esclarecido: **a paixão** havia chegado devastadora e tomou conta de todo o seu ser. Tentou escondê-la de si e de todos – foi em vão: tudo nele denunciava o sentimento.

O segundo tipo tem *função metadiscursiva*: é o que nomeia o tipo de ação que o produtor atribui aos personagens presentes no segmento encapsulado, tais como a declaração, a pergunta, a promessa, a reflexão, a dúvida, etc.

Segundo Koch & Elias (2009), há um tipo de rótulo que repete outro já presente no texto e tem a função de mostrar distanciamento, ironia, crítica em relação a ele, e geralmente eles vêm entre aspas.

No texto “Elegância discreta”, a seguir (Figura 24), a expressão “elegância discreta” é o rótulo que a professora deu para as ações do garoto (“chegar silencioso”, “não cumprimentar os colegas”, “arrumar a cadeira e a carteira sem ruídos”, “tirar o material com cuidado mudo”), quando este tentava não fazer notar o seu atraso.

Figura 24 - Texto de exemplo 24: “Elegância discreta” (elaborado pela autora)

#### Elegância discreta

O garoto **chegou silencioso** na sala de aula, **não cumprimentou os colegas, arrumou a cadeira e a carteira sem ruídos, tirou o material com cuidado mudo**, fez de tudo para passar despercebido, teve sorte de encontrar a porta aberta. Sabia que a professora não abre a porta em caso de atrasos. Mal ele se sentou, ouviu a professora perguntar: “A **“elegância discreta”** é para que eu não o coloque para fora?”

As expressões nominais definidas e indefinidas e os rótulos podem direcionar o leitor às conclusões dos objetivos pretendidos quanto à compreensão da *orientação argumentativa do texto*. Na charge a seguir (Figura 25), a expressão de “um político sério, comprometido em resolver os problemas do povo” caminha para o construto de um argumento quando é retomada pela expressão “isso”, e finalmente completa o sentido argumentativo quando é substituída pela expressão “um milagre”, compondo assim o rótulo. A expressão “um milagre”, na charge do artista Lila, configura-se num rótulo porque evidencia a opinião da vidente em relação ao desejo do consulente. A vidente ironiza o pedido do cliente “queria que a madame me mostrasse um político sério, comprometido em resolver os problemas do povo”, afirmando ser “um milagre”, algo que lhe é impossível realizar.

Figura 25 - Charge: Lila no jornal da Paraíba (*apud* Barbosa 2010)



O rótulo estabelecido pela vidente elucida a total descrença da esotérica na existência do político sério preocupado em atender o povo. O sentido da expressão “um milagre” ser igual a identificar um político honesto preocupado com o povo, tem o sentido estabelecido no processo de produção da charge.

## 6. Conclusão

Retomando a questão que norteia este trabalho, isto é, sobre as possibilidades de sentidos que a referência pode inferir a leitura ou escrita do texto, identificamos, entre outras possibilidades, que a referência pode contribuir em diversos sentidos, dentre eles: a identificação e descrição dos personagens; exposição de possíveis pontos de vista do narrador e dos personagens; explicitação do foco narrativo; a construção dos argumentos; e assim por diante.

Portanto, enfatizamos que o conceito de referência e seleção das formas nominais referenciais, pela riqueza das possibilidades de inferir sentidos, mostram-se fundamentais tanto na perspectiva da construção de significado

no ato da leitura quanto na perspectiva da construção de significado e progressão da escrita do texto. Logo, é urgente que nos debrucemos sobre esse conceito e suas possibilidades para melhor compreensão da língua portuguesa.

## Referências

- BARBOSA, Carlos Alberto (2010) «Charge: Lila no jornal da Paraíba». *Blog do Barbosa*, 30 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://blogdobarbosa.jor.br/?p=26324>>. Acesso em: 01 ago. 2016.
- CARAZZAI, Estelita Hass (2016) «Paraná iniciará campanha de vacinação a dengue em agosto». *Folha de S. Paulo*, 26 de julho de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2016/07/1795728-parana-iniciara-campanha-de-vacinacao-contra-a-dengue-em-agosto.shtml>>. Acesso em: 7 jul. 2016.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães (2004) «A construção do referente no Discurso». Em *Gêneros textuais e referênciação*, coord. por Mônica Magalhães Cavalcante e Mariza Angélica Paiva Brito. Fortaleza: Prototexto.
- \_\_\_\_\_ & Valdinar CUSTÓDIO FILHO (2010) «Revisitando o estatuto do texto». *Revista do GELNE* 12(2): 56-71.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar (2016) «Reflexões sobre a recategorização referênciação sem menção anafórica». *Linguagem em (Dis)curso* 12(3): 839-858.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2002) *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_ (2004) *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_ & ELIAS, Vanda Maria (2012) *Ler e escrever: estratégias de produção textual* (2ª ed.). São Paulo: Contexto.
- LIMA, Silvana Maria Calixto de & Mônica Magalhães CAVALCANTE (2005) «Revisitando os parâmetros do processo de recategorização». *ReVEL* 13(25):295-315.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2001) «Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o continuum qualitativo-quantitativo». *Revista latino-americana de estudos do discurso* 1(1): 23-42.
- \_\_\_\_\_ (2005) «Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras». Em *Referênciação e discurso*, coord. por Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Edwiges Maria Morato & Anna Christina Bentes, São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_ (2007) *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MIRANDA, Giuliana (2016) «Nova espécie de dinossauro é encontrada no interior da Paraíba». *Folha de S. Paulo*, 25 de julho de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2016/07/1794796-nova-especie-de-dinossauro-e-encontrada-no-sertao-da-paraiba.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- MONDADA, Lorenza & Danièle DUBOIS (2003) «Construção dos objetos do discurso: uma abordagem dos processos de referênciação». Em *Referênciação*, coord. por Mônica Magalhães Cavalcante, Bernardete Biasi Rodrigues & Alena Ciulla, São Paulo: Contexto.
- SANTOS, Leonor Werneck & Mônica Magalhães CAVALCANTE. (2014) «Referênciação: continuum anáfora-dêixis». *Revista Intersecções* 12(1): 224-246.
- SILVA, Damares Souza (2017) *Transposição didática: uma proposta de ensino da referênciação na produção escrita*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.